

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Regina da Silva

**FICÇÃO E REALIDADE – BIOPODER E DESVIO SOCIAL EM MACHADO DE ASSIS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Alberto Patronis.

Juiz de Fora  
2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Maria Regina da Silva, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572501A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **FICÇÃO E REALIDADE – BIOPODER E DESVIO SOCIAL EM MACHADO DE ASSIS**, desenvolvido durante o período de março a julho sob a orientação de Marcos Alberto Patronis, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Maria Regina da Silva

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## FICÇÃO E REALIDADE – BIOPODER E DESVIO SOCIAL EM MACHADO DE ASSIS

Maria Regina da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho, uma análise da obra “O Alienista” de Machado de Assis, possibilitou-nos uma reflexão sobre o poder da ciência, particularmente aquele expresso pela teoria e prática médicas aplicadas ao campo comportamental em nosso país ao longo do séc. XX. A denominação de loucura ou normalidade está atrelada ao comportamento social. A trajetória ficção - realidade será enfatizada pela obra da escritora Daniela Arbex. Enquanto, o personagem Simão Bacamarte tenta aplicar seus recursos psiquiátricos em busca de identificar o modelo ideal de razão humana, Arbex relata caótica situação do Hospital Colônia de Barbacena, MG. As categorias de análise BIOPODER e DESVIO SOCIAL serão articuladas neste texto a fim de marcar a relevância das duas obras no auxílio de uma sociedade mais consciente e mais igualitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** CIÊNCIA, BIOPODER, DESVIO SOCIAL, PSIQUIATRIA.

### 1. INTRODUÇÃO

A partir das obras *O Alienista*, de Machado de Assis, e *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, colocaremos em discussão a prática psiquiátrica em nosso país, ao longo do século XX, a fim de tentar colocar em prática os direitos humanos de pacientes diagnosticados portadores de transtornos mentais.

Faremos um breve estudo sobre o “desvio” comportamental humano e seus efeitos em cada indivíduo. Tentaremos ressaltar o quanto as ciências sociais podem dispor de recursos artísticos a fim de provocar a reflexão de grande parte da sociedade sobre o real mundo em que vive.

Destacaremos a importância da participação ativa de cada cidadão política e socialmente. O acesso irrestrito à literatura é um caminho apontado para a realização deste desejo - uma sociedade democrática, o respeito pelo ser humano. Conforme Schwarz, 1910, “O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E, com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse”. Observamos também o efeito causado pela obra de Arbex em relação ao Hospital Colônia de Barbacena, MG. Não que a literatura seja um instrumento capaz de resolver tudo, não é isso, simplesmente é um dos caminhos a percorrer para que, talvez, possamos viver melhor.

Tanto a obra de Machado de Assis quanto à de Daniela Arbex colaboram no processo de reflexão, possibilitando-nos compreender melhor o outro. Ler visualizar a atuação de grupos sociais, é mergulhar em conflitos, mesquinhas, ambições, egocentrismo, questões raciais, dentre outros valores e situações desprezíveis que nos levam a desrespeitar os direitos humanos.

Machado denuncia o elo entre ciência e poder, questionando a atuação do médico, de forma crítica, a medicina deveria ser aplicada em prol do paciente. “O médico torna-se o grande conselheiro e o grande perito senão na arte de governar, pelo menos na de observar, de corrigir, de aprimorar o corpo social e de mantê-lo num estado permanente de saúde” (FOUCAULT, 1976, p.14 apud MARTINS e PEIXOTO JUNIOR, 2009, p.161). Arbex presta enorme contribuição à sociedade com os relatos sobre o Colônia, em Barbacena. Desta forma o objetivo deste trabalho é chamar a atenção do leitor para os reais problemas enfrentados pela sociedade, despertando-o para uma atitude crítica e consciente em relação à sociedade em que vive.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: reginasilmarj@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Marcos Alberto Patronis.

## 2. MACHADO DE ASSIS, UM VISIONÁRIO CONTEMPORÂNEO

A forma como Machado aborda o tema “a loucura” em *O Alienista* demonstra o interesse do autor em trazer a público o elo entre ciência e poder, assim como o efeito causado por esse empoderamento científico. A fim de proporcionar maior credibilidade à linguagem e à crítica machadianas, é necessário entender em que contexto social se encontrava Machado de Assis. De origem humilde, neto de escravos alforriados, Machado nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, subúrbio do Rio de Janeiro, Corte Imperial, na época. Com infância e adolescência vividas em meio a dificuldades familiares e financeiras, não se tem registro de que Machado tenha frequentado escola regularmente. Já adulto, Machado vivia em um Brasil que apresentava um cenário socioeconômico muito conturbado, um país imenso, com população ainda bem reduzida, uma minoria privilegiada detinha o poder. Como naquela época não se vivia de escrever, Machado trabalhava em emprego público, o que lhe permitia sobreviver. Surpreendia a todos por seu perspicaz estilo irônico, para ele o que interessava não era o fato em si, e sim a reflexão que esse fato gerava: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.” (ASSIS, 2014, p.64, *apud* FARACO).

Autodidata, Machado de Assis constrói sua formação intelectual, acompanhando tudo de que se tinha notícia sobre o Brasil e sobre a Europa. Em meio à corrente positivista, surgida na França, em meados do século XIX, o autor tece a trajetória de Simão Bacamarte, médico psiquiatra, atuando segundo um dos princípios do positivismo - conhecimento científico que deveria ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro. O conceito de verdade em *O Alienista* está presente na busca de Bacamarte por encontrar os “loucos” de Itaguaí, o saber científico daria ao médico o poder de diagnosticar seus pacientes, entretanto, o próprio Simão Bacamarte oscilava em relação a seus critérios clínicos e seus diagnósticos. O médico fictício utilizava-se de seu conhecimento acadêmico como solução para organizar a Casa Verde, acreditava estar realizando pesquisa em benefício da humanidade, como podemos perceber em um trecho do diálogo com o personagem boticário Crispim Soares: “O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.” (ASSIS, 2004, p.16) O médico do conto acreditava em seus conhecimentos científicos como instrumento para categorizar os internos e poder tratar-lhes o que considerava transtornos mentais, a fim de retorná-los “sãos” à sociedade. Esse comportamento de Bacamarte pode ser relacionado ao que o pensador August Comte, fundador da corrente filosófica positivista e considerado o grande sistematizador da sociologia, tinha como objetivo - a reorganização do conhecimento humano, o que explica Ferrari (2008), em:

Um dos fundamentos do positivismo é a ideia de que tudo o que se refere ao saber humano pode ser sistematizado segundo os princípios adotados como critério de verdade para as ciências exatas e biológicas. Isso se aplicaria também aos fenômenos sociais, que deveriam ser reduzidos a leis gerais como as da física. Para Comte, a análise científica aplicada à sociedade é o cerne da sociologia, cujo objetivo seria o planejamento da organização social e política. (FERRARI, 2008).

Em *O Alienista*, as observações clínicas de Simão Bacamarte trazem à tona as críticas machadianas, as quais o autor realiza por meio das atitudes de seus personagens. É assim que Machado sutilmente ironiza as teorias científicas surgidas com o positivismo, no caso da obra em questão, o tratamento de doentes mentais.

Conforme Antônio Cândido (1985), a arte pode ser um objeto de auxílio para melhor compreensão da sociedade, então, a literatura, além de seu papel artístico, pode ser utilizada como um instrumento para uma sociedade mais crítica e consciente. “O estudo sociológico da arte, aflorado aqui sobretudo através da literatura, se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação.” (CÂNDIDO, 1985, p.39).

No conto, os personagens representam a real multiplicidade de perfis comportamentais humanos, em que o leitor pode, em um ou mais personagens, reconhecer-se a si mesmo ou a outrem. Segundo Schwarz, Machado afirmava que o escritor pode ser “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (SCHWARZ, 1990, p.9.). Demonstra, assim, que o tema explorado por Machado em *O Alienista*, no final do século XIX, vem de encontro a reflexões e questionamentos sobre o tratamento psiquiátrico em prática nesta segunda década do terceiro milênio, o que podemos constatar pela reportagem de Roncolato: *Manicômios: por que eles ainda são um problema no Brasil*, de 30 de outubro de

2016. O autor relata o fato de a luta antimanicomial continuar até a data mencionada, com o objetivo de conseguir atendimento e cuidado adequados aos portadores de doenças mentais.

O enredo de *O Alienista* busca chamar a atenção do leitor para a situação clínica e hospitalar em que se encontravam os “doentes mentais”, embora nas três últimas décadas (final do século XX e início do século XXI) houvesse mudanças progressivas quanto à prática e ao modelo da psiquiatria no Brasil, conforme declara Laura Araujo sobre a lei 10.216/2001 em:

A Lei 10.216 de 06 de abril de 2001 foi aprovada após doze anos de sua apresentação pelo então deputado Paulo Delgado. Esta é uma lei considerada progressista, ainda que durante o processo de aprovação ela tenha sido modificada e tenha tido seus institutos suavizados. (Araujo, 2014).

Como exemplo da atemporalidade machadiana, citamos o artigo, publicado no Diário do Centro do Mundo, em 19 de março de 2016, *Moro é o Alienista de Machado de Assis*, de Chalhoub – professor e historiador. Nesse texto, o autor demonstra sua crítica em relação ao juiz em questão, utilizando-se do famoso personagem Simão Bacamarte – o Alienista de Machado de Assis. Chalhoub diz ter Simão Bacamarte encarnado em Sérgio Moro:

De onde menos se esperava, a coisa veio. Simão Bacamarte encarnou de novo, vive-se a história como a realização radical da ficção, hiper-ficção. As operações de despolitização do mundo são as mesmas – no despotismo científico do século XIX, no despotismo econômico do XX, no despotismo judiciário do século XXI. (CHALHOUB, 2016).

O autor do artigo faz um breve comentário sobre o desfecho da história do médico psiquiatra, ironizando uma possível nova utilidade da Casa Verde, na segunda década do século XXI, como podemos entender em:

Todos sabemos como terminou a estória de Simão Bacamarte. Depois de testar tantas hipóteses, de achar que a loucura poderia quiçá abarcar a humanidade inteira, ele concluiu que o único exemplar da espécie em perfeito equilíbrio de suas faculdades mentais era ele próprio. Por conseguinte, o anormal era ele, alienado só podia ser quem não tinha desequilíbrio algum em suas faculdades mentais. Bacamarte trancou-se na Casa Verde para pesquisar a si próprio e lá morreu alguns meses depois. Pode ser que haja aí um bom exemplo. Alguém saberia dizer, por favor, onde Machado de Assis deixou a chave da Casa Verde? (CHALHOUB, 2016).

De acordo com esta última citação, confirmamos a atemporalidade do conto *O Alienista*, pois Chalhoub (2016) ironiza a possibilidade de reaproveitar o desfecho do enredo como solução para acontecimentos brasileiros em âmbitos social e político deste início de século.

Em meio a problemas sociopolíticos, Machado acompanha o caos em que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, no que diz respeito a epidemias – febre amarela, varíola entre outras. Ainda que se tentasse colocar em prática de modo eficaz as políticas de saúde pública, o resultado era negativo, a cidade vivia sob o burocratismo cientificista. A partir desse cenário, Machado cria seus personagens a fim de que eles “atuassem”, retratando a realidade, principalmente a de seu país. Em *O Alienista*, Dr. Bacamarte observa os habitantes de Itaguaí e procurava separar o são do insano. Dessa forma, Machado demonstra a dificuldade médica em diagnosticar, cientificamente, pacientes com transtorno mental. Sendo assim, internava na Casa Verde aquele que destoasse de um comportamento considerado ideal por Bacamarte, ou seja, o médico julgava-se capaz de diagnosticar os pacientes consoante a um desvio de padrão social, considerado pelo próprio psiquiatra. A ciência não conseguia (e ainda não consegue) responder à complexidade da mente humana. O autor transmitia, parcialmente, o real panorama brasileiro no que se referia à psiquiatria da época. Assim explica Schwarz em:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O “homem do seu tempo e do seu país” deixava de ser um ideal e fazia figura de problema. (SCHWARZ, 1990, p.11).

Segundo Schwarz (1990), Machado deixa de retratar a figura romântica e idealizada da pátria para questionar a realidade dos manicômios no Brasil do século XIX, situação esta que perdurou por aproximadamente dois séculos.

A real situação dos hospitais psiquiátricos brasileiros na segunda década do século XXI ainda não é a mais adequada à saúde humana, tendo sido cenário de horror antes da reforma psiquiátrica brasileira, ainda carece de vigilância sobre o ambiente hospitalar e de cuidados para com os pacientes. Segundo Roncolato:

A Lei da Reforma Psiquiátrica tem 15 anos, mas o debate acerca do melhor modelo de atendimento e cuidado em saúde mental continua “No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente”. A frase do psiquiatra mineiro Ronaldo Simões Coelho se referia a um caso extremo brasileiro, o do Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, onde trabalhou brevemente. O lugar, que funcionou de 1903 a 1980, sentenciou ao menos 60 mil “pacientes”, devidamente diagnosticados ou não, à morte. (ROCONLATO, 2016)

O que Roncolato (2016) relata sobre o Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, Arbex (2013), em seu livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* e no documentário de mesmo nome, retrata o cenário de horror desse hospital, onde permaneciam os considerados “loucos”. Estes eram depositados naquele espaço, como forma de “organizar” – “limpar” - os espaços familiar e social, a maioria dos internados no Hospital Colônia não apresentava transtornos mentais, apenas trinta por cento dos que ali estavam necessitavam de acompanhamentos e medicamentos psiquiátricos, segundo Arbex (2013): “Para lá eram enviadas vítimas de transtorno mental, mas eram a minoria – 30%”. Os demais chegaram ali por diversos motivos - desvio comportamental, deficiência física, tristeza, ou por serem mendigos, negros, homossexuais, mães solteiras, enfim, quaisquer situações consideradas danos à imagem social. Assim declara Arbex em:

[...] no Arquivo Público Mineiro me mostraram que, desde 1914, já havia superlotação. Tem um documento, de 1911, que uma brasileira chamada Maria de Jesus, de 23 anos, foi internada lá porque ela tinha tristeza como sintoma, o que confirma a falta de critério médico para internação. Logo, foi um hospital criado para atender uma cultura da época, um tipo de doença que ainda era muito desconhecido, mas as coisas começaram a degradingolar e ele se tornou um grande depósito. (ARBEX, 2016).

O Colônia é um espaço de crueldade e barbárie, praticadas por pessoas que deveriam ao menos tentar proteger os internos. A fim de exemplificar essa afirmativa, citamos um trecho da narrativa de Arbex:

Quando o superintendente do serviço de psiquiatria da Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica, Ronaldo Simões Coelho, pisou no terreno do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, localizado no município de Oliveira, no oeste do Estado, tomou um susto. Logo ao chegar ao hospital do Estado, em 1971, avistou um menino “crucificado”. Apesar do sol inclemente, o garoto, que aparentava idade inferior a dez anos, estava deitado no chão, com os braços abertos e amarrados e o rosto queimado pela exposição ao calor de quase trinta graus. Voltou-se para a freira responsável pelo setor, esperando alguma explicação. — Por que esse menino está amarrado nesse solão? — Se soltar, ele arranca os olhos das outras crianças. Tem mania — respondeu a mulher, com naturalidade. — E quantos olhos ele já arrancou? — Nenhum — disse a religiosa. (ARBEX, 2013. p.76).

Como exemplo de perversidade, constatamos acima a atitude da freira em relação ao menino amarrado sob o sol quente que “estaria arrancando os olhos de outras crianças”, a “funcionária” “responsável” pelo menino não se tratava de um leigo funcionário, e sim “de um representante da palavra divina”.

Criado em 1903, pelo Governo de Minas Gerais, o Hospital Colônia tinha como objetivo acolher e tratar pacientes portadores de transtornos mentais, um grande paradoxo conforme declarações de Arbex (2013) e Roncolato (2016).

Em *O Alienista*, o poder exercido pelo psiquiatra fictício representa a realidade das clínicas e dos tratamentos relacionados à psiquiatria, um tratamento excludente, tira-se o paciente do convívio social, isola-o. Ainda que, no texto, Machado ironize as práticas de Simão Bacamarte, a condição dos tratamentos psiquiátricos daquele período até o início do século XXI, no Brasil, ultrapassa excessivamente a “simples” reclusão e a ausência de critério médico em relação ao tratamento que deveria existir, como narrado no conto. Além desses dois fatores, a realidade é caótica, o Hospital Colônia torna-se um depósito de seres humanos “indesejáveis”

pela sociedade. Na verdade, por décadas, pessoas permaneceram ali em condições subumanas e a maioria deles morreu no Colônia – sessenta mil internos, segundo Arbex (2013) em:

Esse número foi divulgado em 2008, em uma publicação chamada *Colônia*, que foi editada pelo Governo de Minas Gerais. O secretário (de Saúde) de Minas Gerais, nessa época, em um texto para esse livro, fala em 60 mil mortos. Eu fiquei apavorada com isso. No Museu da Loucura, quando você chega, o primeiro painel, na porta, mostrava '60 mil pessoas morreram aqui'. Então, era um número aceito. O hospital, a sociedade de Barbacena, os médicos, todos conviveram pacificamente com esse número por todos esses anos. (Arbex, 2016).

O *Holocausto Brasileiro* de Arbex (2013) colabora com a divulgação dessa parte da história do Brasil, levando ao conhecimento dos cidadãos fatos cruéis contra a humanidade. A barbárie acontece diante de nós, e isso faz-nos refletir sobre como são aceitos com naturalidade e indiferença, sem que façamos algo para impedir ou denunciar os acontecimentos. .

No Brasil, a Proclamação da República teve influência positivista, e, com isso, a ideia de trazer ordem à sociedade, visando promover o bem estar social. Comte, organizador da sociologia como ciência, acreditava no fundamento da fraternidade e na natural solidariedade entre os homens. Analisando a frase de Comte *amor como princípio, ordem como base, progresso como objetivo* no contexto médico psiquiátrico, o quadro presenciado nega o *amor como princípio*, diante da crueldade humana nos “sanatórios”; ausência de *ordem*, confirmada segundo a degradação humana naquele espaço, por exemplo: Hospital Colônia; e, conseqüentemente, nenhum sinal de progresso, de acordo com o resultado de tal barbárie humana. A evolução ordeira da sociedade projetada por Comte era impossível diante de um cenário dos manicômios. Segundo Ferrari em:

O projeto sociopolítico de Comte pressupunha uma evolução ordeira da sociedade, incompatível com revoluções e mudanças bruscas. Curiosamente, no Brasil os ideais positivistas serviram para alavancar uma troca de regime, com a, proclamação da República. O aparente paradoxo se explica, em parte, pelo fato de a influência positivista ter resultado em pensamentos muito diversos no Brasil, conforme se combinou com outras correntes ideológicas. Nenhum setor teve maior presença da ideologia comtiana do que as Forças Armadas, de onde saiu o vitorioso movimento republicano e a ideia de adotar o lema "ordem e progresso". (FERRARI, 2008).

Os detentores de poder usaram-no de forma “equivocada” e desumana, não seguindo o que pressupunha o projeto de Comte.

## 2.1 De como Machado retrata o biopoder na medicina da época.

Machado de Assis, em *O Alienista*, apresenta Dr. Simão Bacamarte, um conceituado médico, filho da nobreza, que estudara em Portugal, privilégio da elite brasileira na época. Ainda que não pertencesse a esse patamar social e sem curso superior, Machado era suficientemente conhecedor do cenário sociopolítico do Brasil e da Europa. Assim, a trajetória dos personagens da obra em questão representa a visão machadiana a respeito do poder da medicina urbana nos séculos XVIII e XIX.

Pellizzaro, em seu artigo, explica que o conceito de biopoder, utilizado por Foucault é um tipo de “poder que se exerce sobre a vida, seja diretamente sobre a vida de cada pessoa em particular, seja por meio de uma ação sobre a vida das pessoas enquanto membros de uma população, compondo assim uma espécie de ‘naturalidade biológica’”.

Foucault ressalta que, no Iluminismo, defendia-se o direito à liberdade de pensamento e de expressão, entretanto cria-se a disciplina, a qual é utilizada como forma de controle, de poder – Micropoder – presente em todos os lugares. A disciplina torna-se instrumento de controle social. A prática disciplinar seleciona as forças; “corpos dóceis e adestrados”, segundo Foucault, tornam possível o Panóptico, lugar de onde quem estiver no “poder” consegue ver os que estão sendo observados; por exemplo: alunos, funcionários, membros da família. A esse tipo disciplinar o filósofo denomina disciplina-mecanismo. Aponta também a disciplina-bloco, forma de isolamento, exclusão. Conforme explica Foucault em:

Duas imagens da disciplina. Num extremo, a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer para o mal, romper as comunicações, suspende o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional

que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho de coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema de disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo de **sociedade disciplinar**” – (FOUCAULT, 1975, p.173, apud LAURO, 2017).

A disciplina-bloco à qual se refere Foucault é retratada pela narrativa de Arbex (2013) sobre a circunstância dos internos no Hospital Colônia, de Barbacena, MG. Os internos ali deixados não permaneciam apenas isolados da sociedade, viviam em pleno “campo de concentração nazista”, como declara o psiquiatra italiano Franco Basaglia, quando visitou o Hospital Colônia, em 1979: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo presenciei uma tragédia como esta” (ARBEX, 2013).

A respeito de sociedade disciplinar, Lauro (2017) explica que a prática da disciplina-bloco e da disciplina-mecanismo vem se transformando ao longo do tempo, formando assim um meio de controlar a sociedade sob o olhar de regras sociais, de acordo com a cultura de cada povo, assim como as leis em vigor. O propósito de se aplicar a disciplina é o de organizar o grupo social de forma a poder controlá-lo. Essa organização se dá por meio de vigilância e punição aos que de alguma forma se desviarem de um padrão social, basta que esteja fora de um grupo considerado “normal”, por exemplo: homossexual, estrangeiro, portador de alguma deficiência, enfim, tudo que destoa de forma negativa em um grupo.

Após a participação de Franco Basaglia, psiquiatra italiano, no I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, no Rio de Janeiro, em 1978, a luta antimanicomial no Brasil se destaca. Basaglia havia visitado manicômios no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais. Ficou horrorizado com o estado do Hospital Colônia de Barbacena, considerando ali um campo de concentração nazista. A partir de então, temos três momentos da reforma psiquiátrica brasileira: o primeiro, em 1978, quando se questiona a política em saúde mental desenvolvida no Brasil e surge o MTSM – Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental; Araújo (2014) acrescenta: “debatia-se sobre a garantia de direitos dos pacientes, o aperfeiçoamento e universalização dos instrumentos utilizados até então, ou seja, o direito à saúde como questão político-social”. O segundo é marcado pela criação do Movimento de Luta Antimanicomial, era a proposta da desinstitucionalização, a clínica fechada daria lugar à utilização de novos dispositivos e tecnologias de cuidado. Em 2001, o terceiro momento surge com a aprovação da Lei n.10.216, de seis de abril do mesmo ano, promulgada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em exercício na época. Conforme cita Barros, esta lei:

“Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental”.

Com relação às internações psiquiátricas, a lei define quais suas modalidades, no parágrafo único do artigo 6º:

São considerados os seguintes tipos de internação psiquiátrica:

I – internação voluntária: aquela que se dá com o consentimento do usuário;

II – internação involuntária: aquela que se dá sem o consentimento do usuário e a pedido de terceiro; e

III – internação compulsória: aquela determinada pela Justiça. (BARROS, 2011, p.65).

Segundo Arbex (2016), a partir de 1970 começam mobilizações de profissionais da área da saúde mental na tentativa de, através de denúncias, mudar a realidade do Colônia. Esse movimento inicia o processo de reforma psiquiátrica em Minas Gerais, o que mais tarde ocorrerá em outros estados do Brasil. Como constatamos em:

A década de 70 marca a mudança. Quando o Luiz Alfredo entrou lá, em 61, e fotografou as pessoas naquelas condições, as mulheres ainda estavam, em sua maioria, vestidas. Já quando o Napoleão (Xavier, fotógrafo) entra, em 79, tá todo mundo nu, as mulheres estão nuas, completamente violadas, em uma condição muito mais precária. As imagens do Napoleão são muito mais duras, porque as do Luiz Alfredo tem poesia ainda, mas as dele são totalmente indigestas. Beirava o insuportável já em 61, imagina em 79... Então, foi a década de mobilização dos trabalhadores da saúde mental, das grandes denúncias. Foi todo este movimento que deu origem à reforma psiquiátrica em Minas, que mais tarde alcança outros estados brasileiros. (ARBEX, 2016).



A Reforma Psiquiátrica não visava exclusivamente a prática clínica, voltava-se também para a reinserção do doente mental na sociedade, pois enquanto internos em manicômios, os transtornos apresentados pelos pacientes só agravavam. Segundo Araujo (2014), “Anterior a Reforma houve o convencimento da comunidade psiquiátrica que a internação em ambiente manicomial apenas torna crônico o problema apresentado pelo indivíduo.”

## 2.2 O Alienista, a Ciência e o Desvio Social.

O *Alienista*, de Machado de Assis, começa a veicular em forma de folhetim na revista *A Estação*, do Rio de Janeiro, em 1881, quando entra em vigor, a reforma educacional de 1879, surgindo, então, a Cadeira de Clínica Psiquiátrica, área pouco explorada até o momento. A disciplina consta da reforma, como inserido em:

Legislação Informatizada - DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879 - Publicação Original **DECRETO Nº 7.247, DE 19 DE ABRIL DE 1879** - Reforma o ensino primário e secundário no município da Côrte e o superior em todo o Imperio. [...] Art. 24. A cada uma das Faculdades de Medicina ficam annexos - uma Escola de Pharmacia; um curso de obstretria e gynecologia, e outro de cirurgia dentaria. § 1º Os cursos das mesmas Faculdades serão divididos em ordinarios e complementares. § 2º Os cursos ordinarios constarão das seguintes disciplinas ou cadeiras: [...] Clinica psychiatica.

Machado de Assis, utilizando o personagem Simão Bacamarte, representa a crítica em relação à biopolítica referente à ciência psiquiátrica, exercida na época em que a obra foi escrita. Demonstrando o poder científico exercido sobre as personagens pelo médico da Casa Verde, Machado cita a importância que é dada ao cientificismo: “- A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.” (ASSIS, 2014, p.13). E, para destacar o poder do médico, acrescenta: “A casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo espiritual.” (ASSIS, 2014, p.18)

O autor utiliza-se da ironia para evidenciar a vaidade e a ambição humanas: “A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” (ASSIS, 2014, p.22). A vaidade de Bacamarte vai, no decorrer da história, envolvida ao poder que exerce sobre os demais moradores de Itaguaí. Até que o terror se estabelece na cidade, e não se tinha mais certeza de quem estava são, e, tampouco, dos que apresentavam distúrbios mentais, já que os pacientes eram diagnosticados por um desvio comportamental do ponto de vista do psiquiatra. Segundo Becker (2008, p.18), o primeiro problema é construir uma definição de desvio, antes chama a atenção para as “diversas coisas desviantes”, como explica em:

Observa-se com facilidade que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Isso deveria nos alertar para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio e o processo pelo qual se chega ao julgamento e à situação em que ele é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenômeno. À medida que supõem que atos infratores de regras são inerentemente desviantes, e assim deixam de prestar atenção a situações e processos de julgamento, talvez, com essa omissão, limitem os tipos de teorias que podem ser desenvolvidos e o tipo de compreensão que se pode alcançar. (BECKER, 2008. p.17).

As decisões tomadas pelo Dr. Bacamarte em relação aos habitantes de Itaguaí podem ser discutidas de acordo com o padrão comportamental dos cidadãos. O médico julga louco aquele que age fora do considerado normal por Bacamarte, o que não se confirma ser “certo” ou “errado” em um comportamento social. Por que motivo um morador é considerado anormal pelo fato de admirar a própria casa? E o que dizer de D.Evarista voltar do Rio de Janeiro mais vaidosa? Faltou ao psiquiatra o bom senso, principalmente em nome da ciência a qual exercia. Mesmo com a explicação de Becker *apud* Moura (2008, p.589) sobre as sociedades terem “grupos dominantes e grupos desviantes, assim como tipos diferentes de desvios”, e julgar os desvios cabe à perspectiva de quem julga. Becker (2008) explica que:

Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Esta pessoa é encarada como um outsider. (BECKER, p.15).

Ou seja, outsider é considerado aquele que está à margem da sociedade, fora do limite do comportamento social determinado por um grupo. Sendo assim, o desviante de uma regra social pode ser julgado de acordo com o enfoque de quem avalia a infração. “Aqueles grupos cuja posição social lhes dá armas e poder são mais capazes de impor suas regras” Becker (2008. p.30), assim, em *O Alienista*, cabe ao Dr. Bacamarte essa avaliação de desvio, visto que ele detém o conhecimento científico.

### 2.2.1 Simão Bacamarte

O significado de seu nome: (Simão) - o que deveria ouvir - e (Bacamarte) - o que é desajeitado, “inútil”, ou seja, aquele que deveria ouvir os pacientes também deveria ser-lhes útil. O poder exercido pelo médico que detém o saber, o conhecimento científico deveria ser em prol do paciente, entretanto ocorre uma inversão no que seria a lógica da medicina – observar para cuidar. Conforme o contexto histórico do final do século XVIII, o nome do personagem pode ser compreendido, segundo Barros, em:

O poder que será exercido já vem implícito no nome do protagonista, Simão Bacamarte: bacamarte é uma grande espingarda do final do século XVIII, bastante pesada por ter chumbo grosso como munição. Como era muito pesada para ser mantida sobre os ombros, ela era apoiada nos muros dos fortes e fortalezas (daí seu nome completo ser “bacamarte de amurada”), e daí era disparada, espalhando sua carga em direção a quem investia contra a fortificação. Ora, é exatamente assim que o Dr. Bacamarte age: fica por detrás dos muros do manicômio em que transforma a Casa Verde e dispara contra os cidadãos de Itaguaí a munição do seu saber, sem dar “razão de seus atos de alienista” e não deixando que se aproximem, a não ser para serem internados. (BARROS, 2011, p.64).

O psiquiatra procura atuar na Casa Verde a fim de conquistar uma sociedade em ordem. mentalmente sã, e, para tentar atingir seu objetivo, comete verdadeiras insanidades, como a prisão de Costa, um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí.

Do ponto de vista ético, há de se questionar a postura bioética de Simão Bacamarte, em benefício dos pacientes. Estes possuem o direito de serem tratados com respeito e de terem a medicina voltada para o próprio bem-estar.

### 2.2.2 – Os pacientes e a Casa Verde

Os hospitais para doentes mentais surgem na Europa, durante os séculos XVII e XVIII. A psiquiatria, ciência recente e pouco explorada na época, procurava detectar o problema mental do paciente, o qual era internado, a fim de deixá-lo recluso, fora da sociedade, visto que o “portador de insanidade mental” era uma ameaça aos outros indivíduos.

Segundo o texto “*Alienista: Doença mental ou desvio social*”, de Lucianne Menezes, as concepções de loucura humana devem ser avaliadas cautelosamente, visto que é tênue o limite determinante entre loucura e normalidade.

A fim de classificar os internos da “casa de Orates” entre doentes mentais e demonstrações de desvios sociais, o alienista, de Machado, recorre aos seus estudos, observando o comportamento distante de um padrão psicossocial considerado normal em uma sociedade ética. O médico interna os pacientes involuntariamente, estes são forçados a permanecer na Casa Verde, até que Bacamarte os considere sãos, liberando-os, se julgar conveniente. As internações involuntárias demonstram o poder do conhecimento técnico científico, entretanto há de se considerar: o bem estar dos pacientes, o julgamento da real condição mental de cada um, a observação da complexidade comportamental de cada indivíduo. Assim confirmamos em:

Tal verve não é casual, presta-se antes a denunciar, sem meias palavras, como o conhecimento científico pode ser cooptado pelo poder, risco ainda maior quando se trata da ciência do comportamento. “O alienista” trata, sob esse ponto de vista, da instrumentalização da Psiquiatria em favor do *establishment* político-econômico, sendo os cientistas e médicos protagonistas (por vezes involuntários) em tal jogo de interesses. (BARROS, 2011, p.34).

No trecho a seguir, observamos que o conhecimento científico proporciona ao médico o poder de delimitar em seus pacientes o limite da razão e da loucura. Afinal, viera da Europa, onde obteve sua formação para exercer a psiquiatria.

“- Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia é só insânia.” (ASSIS, 2014, p.23).

Ora, o próprio médico sentia dificuldade em estabelecer os limites da razão e da insânia conforme o comportamento de cada interno, visto que a classificação dos aspectos comportamentais está de acordo com a sociedade, em que se classificam atitudes como normais e anormais, ou seja, a cultura de cada povo influencia o que julgamos normal e anormal. “Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas.” (ASSIS, 2014, p.18). Conforme Frayze-Pereira, os diagnósticos de loucura são realizados de forma relacional, um indivíduo é considerado louco, ou não, segundo a visão de outro indivíduo ou de si mesmo, considerar normal ou anormal certo comportamento não é tão simples, falta-lhes a objetividade científica, uma vez que, em se tratando de cada pessoa - ser complexo, o limite entre o normal e o anormal é difícil de se definir.

O anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma entidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, termos inseparáveis. E é por isso que é tão difícil definir a loucura em si mesma. (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p.22 apud MENEZES, 2010, p.272).

São os padrões sociais que determinam a sanidade de cada ser humano. Sendo assim, o normal e o anormal estão relacionados à cultura de um povo. Portanto, os desvios sociais levam à caracterização de loucura, de anormal. Segundo Menezes (2010) “é atribuído à loucura um valor comportamental, ela se torna consequência psicológica de uma falha moral, uma vez que revela verdades do homem: suas paixões, seus desejos, sua perversidade, seu sofrimento.”

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que vivemos, transformações pessoais e sociais são inevitáveis, é fato, não há como mudar isso, somos capazes de mudar nosso comportamento a partir de reflexões as quais podem ser por nós realizadas de acordo com o que presenciamos e/ou com o que passamos a conhecer. Desta forma, a arte pode assumir um papel de transformação no indivíduo. Pensar sobre o acesso de todos à literatura é possibilitar-lhes vasto conhecimento literário. Em um mundo globalizado, o avanço tecnológico permite-nos e, acima de tudo, exige-nos conhecer outros povos, outras culturas, podendo conscientizarmo-nos do que acontece com o ser humano. Não se deseja aqui valorizar apenas a literatura machadiana, visto que há ótima literatura diversificada, a que o leitor possa ter acesso, por exemplo, a obra da jornalista e escritora Daniela Arbex. O leitor, além de deixar-se envolver emocionalmente, adquire conhecimentos históricos, regionais, etc. A literatura é apenas uma das possibilidades de levá-lo à reflexão, visto que o literário pode trabalhar as emoções do indivíduo, e modificá-lo para que se conscientize de sua participação ativa para real evolução humana

Terminando, desejo voltar à reflexão inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, cuja posição respectiva foi apontada. Na medida em que a arte é (...) um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (POLLOCK apud CÂNDIDO, 1985, p.38).

Pensar em uma sociedade saudável, em seu sentido mais amplo, é também possibilitar a todos o acesso aos recursos de comunicação e à arte literária, pela qual o autor possa demonstrar ser um “interprete de todos”.

Acreditando no poder que o conhecimento exerce na formação e/ou transformação humana(s), a obra literária apresenta-se com análises e reflexões comportamentais que podem ajudar em melhor formação pessoal, com clareza dos valores éticos que devem permear em sociedade. O texto literário pode levar o leitor à reflexão e à sensibilização, possibilitando-lhe melhor relação humana, o que pode tornar a convivência mais harmoniosa. Segundo Cândido (1985): “A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável.”

## REFERÊNCIAS

ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. **Sociedade Disciplinadora Brasileira em Memorial de Aires**. Abralic, Rio de Janeiro, 2014.

ARAUJO, Laura. **A reforma psiquiátrica e a lei 10.216/2001**. Artigo. Nov. 2014. Disponível em: <https://lauraaraujo.jusbrasil.com.br/artigos/152373192/a-reforma-psiquiatrica-e-a-lei-10216-2001> Acesso em: 10 out. 2017.

ARBEX, Daniela. **Entrevista à Vice**. Nov. 2016.: Disponível em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/ezg95a/holocausto-brasileiro-documentario-entrevista-daniela-arbex](https://www.vice.com/pt_br/article/ezg95a/holocausto-brasileiro-documentario-entrevista-daniela-arbex). Acesso em: 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 35. ed. São Paulo: Ática, 2011.

BARROS, Daniel Martins de. **Machado de Assis: a loucura e as leis**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1. Ed. 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CASTRO, Edgardo. O Governo da Vida. (Tradução) **Revista Ecológica**, São Paulo, vol.3, p.69-98, 2012.

CHALHOUB, Sidney. **Moro é o Alienista de Machado de Assis**. Artigo. Mar. 2016. Disponível em: [www.diariodocentrodomundo.com.br/moro-e-o-alienista-de-machado-de-assis](http://www.diariodocentrodomundo.com.br/moro-e-o-alienista-de-machado-de-assis). Acesso em: 09 ago. 2017.

FARACO, Carlos. **Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora**. In: ASSIS, Machado. **O Alienista**. 35. ed. São Paulo: Ática, 2011.

FERRARI, Márcio. **Auguste Comte, o homem que quis dar ordem ao mundo**. Artigo. Out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/.../auguste-comte-pensador-frances-pai-positivismo>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LAURO, Rafael. **Foucault – Sociedade Disciplinar**. Maio. 2017. In: Filosofia Política. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2017/05/24/foucault-sociedade-disciplinar>. Acesso em: 08 set. 2017.

BRASIL. Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879 - Publicação: **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1879**, Página 196 Vol. 1 pt. II (Publicação Original): Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacao-original-62862-pe.html> Acesso em: 20 set. 2017.

MARTINS, Luiz Alberto Moreira; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Genealogia do Biopoder**. Revista Psicologia e Sociedade, PUC, Rio de Janeiro, 21 (2), p.157-165, 2009.

MENEZES, Lucianne Michele de. **Revista Miscelânea, Assis**, vol.7, p.268-279, jan./jun. 2010.

MISKOLCI, Richard. Machado de Assis, o estabelecido. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n.15, p.352-377, jan./jun. 2006.

MOURA, Cristina Patriota. Resenha, UNB, p.588-591- BECKER, Howard S. 2008[1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp.

PELLIZZARO, Nilmar. Michel Foucault: um Estado do Biopoder a partir do Conceito de Governo. **PERI – Revista Filosófica**, Santa Catarina, vol.8, n.2, 2016.

RONCOLATO, Murilo. **Manicômios: por que eles ainda são um problema no Brasil**. Reportagem. Out. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/reportagem/2016/10/30/Manic%C3%B4mios-por-que-eles-ainda-s%C3%A3o-um-problema-no-Brasil>. Acesso em: 10 out. 2017.

SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo – Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.